

Como falar besteiras

O sujeito do inconsciente, seus sumiços e seus deslizes

A vida cotidiana da psicanálise II

Marcus André Vieira

Com o sujeito, portanto, não se fala. Isso fala dele, e é aí que ele se apreende, e tão mais forçosamente quanto, antes de – pelo simples fato de isso se dirigir a ele – desaparecer como sujeito sob o significante em que se transforma, ele não é absolutamente nada (LACAN, Escritos, 1966, p. 849).

Nossa proposta será a de apresentar as ferramentas básicas da psicanálise - que muitos, aqui, já conhecem e até mesmo utilizam - sem deixar, porém, a cada passo, de fazer conexão com a vida cotidiana. Nada haverá de outro mundo, nada em que se precise ter fé sem que se saiba o que se está fazendo. Nada ainda que preciso se remeter unicamente à algum tipo de experiência infável de uma análise. Exigiremos que nossos conceitos sejam conectados com a vida de cada um. Neste sentido, as coisas a que eles se referem podem ser estranhas, mas jamais estrangeiras!

No primeiro encontro, com a expressão *Como andar distraído* situamos a *associação livre*, definindo-a com o exercício metódico de suspender os laços associativos da consciência, de desfocar a atenção.

Surgem, então, elementos desencadeados, *representações inconscientes*, nos termos de Freud, até então fora de cena - fora da cadeia significante nos termos de Lacan. Outra frase/verso, veio condensar esse efeito: *O acaso vai me proteger enquanto eu andar distraído*.

Os significantes desencadeados forçam entrada e podem levar a *ressignificações*, reorganizações da composição habitual da cadeia consciente, egóica, que corresponde ao narcisismo de base de alguém, aquilo que chamamos habitualmente de *subjetividade*. Uma recomposição narcísica será, portanto, o efeito interpretativo esperado desse processo.

Para este segundo encontro, com o conceito de sujeito, seguiremos no inventário das ferramentas fundamentais de uma análise apontando para o modo como esse conceito tem como valor operatório o de *promover a resignificação*, em vez de apenas esperar que ela aconteça a partir da associação livre.

O significante fora da cadeia, representação inconsciente, é sempre perturbador e, por isso, tendemos a rejeitá-lo. Ora, se há um modo básico de rejeitar alguma coisa é rebaixá-la. Por isso, a frase que encarna a promoção de uma resignificação pelo recalçado poderia ser *Como falar besteira*¹ que é um pouco como andar distraído, mas com um adendo: estaremos buscando a besteira, convocando-a. Então, eu diria que além de saber como fazer alguém falar besteira é preciso também saber

Como levar besteiras a sério. Assim como *distraído* foi um guarda-chuva para associação livre, *besteira* será o termo para uma “fala de sujeito” ou ainda do “sujeito do inconsciente”.

I

O termo *Sujeito*, ou mesmo o conceito, não existe na obra freudiana. Não há nem um termo equivalente em alemão. Lacan escolheu um termo em francês para nomear o que Freud tinha deixado implícito apesar de presente em sua prática.² Lacan se aproveita da distinção que existe em sua língua materna entre o termo sujeito [*sujet*, que quer dizer muita coisa] e a pessoa, o indivíduo [*moi*]. São dois termos que falam de coisas muito próximas e ainda assim distintas. Vamos ao dicionário.

Sujet em francês (consultando o dicionário Larousse), aparece com vários sentidos: Sujeito como tema; matéria (colégio); ponto (da prova); cobaia; padronagem (na tapeçaria); sujeito linguístico (sujeito da frase), célula musical. É apenas a partir da 13ª colocação, para o falante francês, que vem o sujeito como indivíduo, pessoa, como sujeito da filosofia clássica, o sujeito cartesiano. Então, *sujet* é mais um traço, uma forma lógica do que alguém.

Já em português (consultando o dicionário Houaiss), é o contrário, primeiro o sujeito aparece como: indivíduo; pessoa (admirável ou imprestável); aquele que age; sujeito que pensa (da filosofia clássica, de Descartes). Só no final, o 11º significado, que aparece o sujeito como “tema”.

Precisamos, então, fazer o esforço de parar de pensar no sujeito, como conceito lacaniano, no sentido de indivíduo. Quando Lacan escolheu *sujeito*, não foi com a intenção de trazer um nome psicanalítico para o que já conhecíamos como pessoa, indivíduo. A ideia era perturbar. Ele estava apoiado em sua língua que faz a diferença entre *sujeito* como algo mais desencarnado e *eu* [*moi*], esse sim o indivíduo, a unidade narcísica, a subjetividade.

Podemos então superpor cada um destes dois tipos de experiência a dois tipos de materiais que se apresentam na análise – os encaixados e desencaixados. Muitas vezes Freud escolhe para distinguir, em vez de eu, isso. Experimentem, sempre que dizemos, isso, para falar de alguma coisa é porque não conseguimos encaixá-la bem. O sujeito é sempre um Isso.

Antes disso, partamos da experiência mais comum, da vida cotidiana.

Em qualquer conversa, podemos distinguir as *falas do eu* - aquilo que digo, penso ou sinto de mim em consonância, em congruência comigo mesmo, em que me reconheço; e as *falas de sujeito* – aquelas que parecem me dizer respeito, mas nas quais se diz algo de mim que não sei se concordo, que não encaixam, que seguem em dissonância comigo, que me perturbam, causam estranhamento. Um sonho, por exemplo, quando conto a alguém, tende a se reduzir àquilo que toca, que me emociona, seja em alegria ou tristeza. Já os ditos estranhos, os sem lugar no eu, vão se apagando. Quando conta um sonho para amigos e família, estou deixando cair as falas de sujeito. O analista quer justamente essas, as que se perdem do eu, justamente por serem as que parecem *dizer mais*. A situação analítica é feita para potencializar esse tipo de fala, que chamaremos de maneira geral de besteira, dar lugar a ela, aos deslizes, às falas intrometidas.

II

Ao seguirmos nessa distinção entre dois tipos de ditos em nossa experiência cotidiana é necessário perceber que a distinção se dá não apenas pela localização dos conteúdos - fora da consciência ou não, desencaixados ou não. A distinção não é apenas tópica, topográfica, mas também dinâmica e estrutural, para usar os termos de Freud. Sem contar um terceiro aspecto, dito por ele econômico, que veremos adiante.

Do ponto de vista dinâmico há diferença em termos de circulação entre os dois conteúdos - um é leve e sem dono o outro é pesado, consistente e agarrado naquilo que sou, porque diz o que sou.

“Sou brasileiro”, por exemplo é cheio de sentido, já “em outra vida fui russo” é muito diferente não acham? Esse último é mais leve fácil de jogar fora, mas... ao mesmo tempo, é ele que, se assumido pelo eu, pode fazer mudanças e criar novidades em uma vida, em uma composição narcísica. A fala do eu é de um eu atual, consistente, a de sujeito é a de um eu possível, potencial, em mim mas não necessariamente eu.

Entra, aqui, a primeira proposição fundamental de Lacan sobre o sujeito: *O sujeito é intervalar, entre dois*. As falas de sujeito surgem exatamente no vão entre dois elementos da identidade. Entre “brasileiro” e “carioca” virá o “russo” caso haja espaço entre eles o bastante para que venham a se precipitar essas coisas esquisitas que - se eu tiver boa vontade e puder deixar em aberto o termo “russo” - pode me trazer a lembrança das peladas da infância quando me chamavam de russo por não ser preto como os meus companheiros.

Nos termos de Lacan o sujeito é o aparece entre dois significantes da cadeia consciente. Entre dois predicados, duas essências que me constituem, dois elementos de meu currículo individual, aparece um sujeito. Assim leio a fórmula conhecida: *sujeito é o que um significante representa para outro significante*.

A segunda premissa conceitual fundamental do conceito de sujeito segundo Lacan torna-se, então, clara. *O sujeito do inconsciente é sempre texto e hiância*. Ele é fala que aparece no vazio e que é por isso, também vazia de corpo. Ele não é silêncio, porém, é vazio e fala. É a fala que traz o vazio ou o vazio que faz aparecerem as falas? Não importa. Abrindo uma porta ou entrando pela porta aberta, as falas de sujeito não existem se não houver esse vazio, que às vezes se introduz sob a forma da surpresa, ou do estranhamento.

Quero insistir nesse ponto de que a hiância, o furo, por si só não vale. E isso tem consequências técnicas. Só quem tem a vida ganha pode ficar furado e sair da sessão. Só quem tem tempo livre pode ter tempo morto, só quem tem fé pode assumir que o silêncio está prenhe de significados. Na nossa formação lacaniana clássica, buscamos aberturas para depois vir o texto. Está na hora de invertermos essa ordem. Buscamos textos alternativos para ver se vem abertura.

III

Um minuto para as consequências clínicas dessa distinção entre sujeito e eu. Quando pensamos os ditos do sujeito inconsciente como tendo as mesmas qualidades que os do eu, fazendo uma distinção apenas topográfica, o trabalho terapêutico fica pesado. Surge

o analista como explorador destemido: “se escavarmos bastante, lá no fundo vão estar as falas inconscientes”. Na visão dinâmico-estrutural que Lacan propõe, por outro lado, podemos deixar de lado o inconsciente como porão, e mesmo como armário. Dizendo de outro modo, Lacan nos livra do inconsciente como necessariamente o escondido, o fora de cena. A fala do sujeito não é a de um eu. Nem mesmo um eu supostamente mais profundo e verdadeiro, a criança em mim, por exemplo. O inconsciente está aqui o tempo inteiro, a gente é que não vê, como zumbidos de abelha.

E pior, quando pensamos que no inconsciente estão vários *eus* escondidos, ou pior, um eu menorzinho, mais livre e ingênuo, o trabalho clínico se dará sempre em um ambiente não apenas de exploração, mas igualmente de enfrentamento e disputa. Porque vamos querer que o eu assuma esse outro eu ou então que se submeta a ele. Vejam o filme Fragmentado (de M. Night Shyamalan) para ver no que esse tipo de ideia dá.

O único ser que nessa história é o eu. Sujeito não tem ser. É por isso que trabalhamos com a ideia de significante, de texto, para que a gente fique menos no campo do eu, no campo do pessoal.

Isso configura a psicanálise como uma terapia do des-ser. Des-ser, termo lacaniano que fala de uma experiência de desconstrução do narcisismo do eu quando se deixa atravessar pelas falas de sujeito. Neste sentido, uma análise só acontece se a gente puder *des-ser*, com “s”, mas também *des-cer*, com “c” do banquinho da identidade, do narcisismo de base que me faz eu juntamente com seus ideais.

É como entendo o dito sujeito dividido. Não é ficar se dividindo em dois, isso atrapalha. É você poder se abrir para um texto que faz diferença para você. É se permitir ser descentrado por uma fala de sujeito em meio ao eu.

O problema é que somos adoradores do eu. A gente quer incorporar logo. Ainda mais quando a fala de sujeito vem com uma lembrança.

Em vez de pensar a distância entre eu e sujeito, pensa-se em uma distância, por exemplo, entre intenção e gesto, como neste poema de Ruy Guerra:

meu coração tem um sereno jeito, e as mãos o golpe duro e presto, de tal maneira que depois do feito, desencontrado eu mesmo me contesto. Quando me encontro no calor da luta, ostento a espada em punho a dor a proa, mais meu peito se desabotoa, e se a sentença se assemelha bruta, mais que depressa meu Coração é executada depois que assim não meu Coração perdoa.³

Mas atenção! Pensar essa distância como clivagem desse modo, leva a consequências clínicas já indicadas, de disputa ou de mediação. Se a ideia essa: de um lado queria matar e, de outro lado, queria perdoar, estaremos sempre entre o anjo e o demônio, sem nenhuma saída – não à toa há tanta polarização por esse mundo binário ponto. Não! O termo sujeito quer introduzir ao invés de dois, o *um e meio*. O sujeito é espectral e não alguém.

IV

A ideia da análise é menos ir buscar seu verdadeiro eu no armário e mais ir ao camarim trocar de roupa. A premissa é a de que não temos um ser prévio, somos uma confusão pulsional, uma excitação, urgência de vida, nada direcionado nada muito programado por gens ou por Deus. Não quero dizer que essa premissa está correta ou bem fundada

nos fatos, mas sim que ela é que permite uma aposta, por parte do analista, em uma verdadeira reconstrução de alguém. Então, seguindo essa premissa (clínica, instrumental e não antropológica), assumimos que para sermos o que quer que seja, é preciso se montar.

Teremos o corpo se ajustarmos algumas roupas que passam a encarná-lo. É a premissa do livro de Leticia Lanz, *O corpo da roupa*.⁴ Partimos da premissa de que somos, na base, apenas alguma coisa viva. Só vamos nos *conformando* a partir de algumas roupas que o Outro foi dando, moldando-nos para caber nas roupas. Somos uma montagem frágil de vestes dadas pelo Outro.

As vestes são o que estamos chamando de “falas” do Outro. Com este termo resumimos o que Freud chama de representação e Lacan significantes e que são muito mais do que eventos verbais. Algumas dessas falas serão incorporadas no que foi montado narcisicamente, outras ficaram no armário histórico do que fui sendo.

É exatamente essa diferença que está em questão quando Lacan fala em sujeito. Nós somos pessoas, indivíduos, só que mais ou menos separados das coisas que foram ditas sobre cada um de nós e que, como na metáfora das roupas, são sempre um pouco já existentes.

Em vez de tomar o eu como base, estamos dizendo que ele é construído, por uma “nova ação psíquica” além do vivente de base - frase de Freud tornada famosa por Lacan.

V

A ideia de que somos montados está em voga hoje, por parte dos ditos culturalistas, progressistas às vezes. Mas aqui é preciso trazer a terceira grande consequência do conceito de sujeito tal como apresentei. As falas do sujeito, apesar de terem menos ser que as do eu, têm mais verdade.

Aqui entra o fator econômico de Freud. As falas de sujeito têm mais libido. Sim, porque as do eu são tomadas na vida coletiva, nos identificam, por elas descarrega-se a libido, quando apertamos uma mão, sorrimos, coisas assim. Já as de sujeito estão zumbindo cheias de libido, mas sem escoamento de sentido compartilhado para escoar sua energia. Estão, assim, carregadas de ênfase.

Por isso, Lacan afirma o *sujeito não fala, isso fala dele*, eu diria esvaziando um pouco mais a ambiguidade que Lacan mantém entre sujeito e pessoa, *isso fala nele!* Essa é nossa terceira proposição-ferramenta lacaniana sobre o sujeito.

Nosso ponto de vista, então, não é exatamente relativista ou culturalista. Não estamos dizendo que só há roupas, mas que existem as roupas e um organismo original, sem forma, pura urgência de vida. Um corpo que não se aprende sem as roupas, mas que sem ele elas são só cascas. Exatamente por conta dessa dialética é que tudo o que for desencaixado parece falar mais do real do que aquilo que veste bem. O que parece apontar mais para essa coisa viva é tudo o que sapato velho, gasto, ou o que deixou de caber.

¹ Cf. Lacan, J. O Seminário: livro 20 mais, ainda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

- ² Cf. Cabas, A. G. O sujeito na psicanálise de Freud a Lacan: da questão do sujeito ao sujeito em questão. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- ³ Buarque, C; Guerra, R. Fado Tropical. Intérpretes: Chico Buarque e Ruy Guerra. In. Chico Buarque. Chico Canta. 1973.
- ⁴ Lanz, L. O Corpo da roupa: a pessoa transgênera entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero. Curitiba: Transgente, 2015.